



## 10º Simposio de Ensino de Graduação

### ESCOLA, PROFESSORES E O CAPITAL

#### Autor(es)

---

GREICE KELLY SOARES DOS SANTOS

#### Orientador(es)

---

CLEITON DE OLIVEIRA

#### 1. Introdução

---

Discorrer sobre a relação escola e capital é sem dúvidas tratar sobre uma relação que consolida conflitos no interior do espaço escolar, tanto a instituição quanto os profissionais que nela exercem suas atividades se sentem imersos num contexto de forte influência do setor econômico que gera uma perda de identidade dos professores e também uma crise de finalidade da escola. Por isto se torna essencial o debate sobre esta influência empresarial que incide sobre nosso cenário educacional. Para fundamentar a discussão utilizamos Freire (2009), Laval (2004), Lüdke e Boing (2004), Pessanha (2001), Rodrigues (1991), Vasconcellos (2003) os autores debatem sobre o trabalho docente, as identidades tanto da escola quanto dos educadores acerca da imagem social destes e Marx e Engels (2008) contribuindo com conceitos relacionados ao trabalho.

#### 2. Objetivos

---

Este artigo tem como objetivo debater a influência do setor econômico no cenário educacional, destacando suas implicações sobre a instituição escolar acerca de sua função e conseqüentemente sobre a identidade profissional dos professores.

#### 3. Desenvolvimento

---

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica. (FREIRE, 2009, p.66) Freire (2009) demonstra neste trecho sua preocupação com as condições em que se realiza o trabalho docente. Para o autor o contexto no qual se desenvolve a prática docente é decisivo para a atuação do professor em sala de aula, ou seja, são condicionantes para que o professor desenvolva sua profissão. E para tanto devem ser condições favoráveis para o pleno desenvolvimento de sua tarefa: ensinar. Entretanto, as fragilidades de nosso sistema público de ensino, tão divulgadas pelas mídias jornalísticas brasileiras, nos mostra que debater sobre as condições de trabalho vivenciadas por nossos professores demanda analisar não apenas o campo educacional, mas também outras áreas que podem de alguma forma exercer alguma interferência no contexto escolar. Nota-se, no cenário educacional uma forte influência do setor econômico. Que determina até mesmo as questões referentes ao currículo escolar. Sobre a organização do currículo escolar, Laval (2004) afirma que este é determinado em função das necessidades da área empresarial, ou seja, os saberes que os indivíduos devem aprender e posteriormente executar são definidos de acordo com as vontades dos chefes de empresas (p.47). É notável o quanto este controle do mercado em relação à instituição escolar desestrutura a função desta, e conseqüentemente abala os pilares tanto do papel da escola quanto do ofício do professor. Por isso, para Vasconcellos (2003, p. 31), a questão do sentido da escola, da sua função, da sua finalidade é decisiva para se entender o que está acontecendo hoje com a educação. A instituição escolar não encontra mais sua razão de ser na distribuição, o mais igualmente possível, do saber, mas

nas lógicas de produtividade e rentabilidade do mundo industrial e mercantilista. (LAVAL, 2004, p.44) Assim, como afirma Vasconcellos (2003) entender a que fim a instituição escolar se destina atualmente, é fundamental para compreendermos a situação desta instituição. Conforme Laval (2004) a escola, ou de forma mais ampla, a Educação, segue as determinações do mercado até mesmo por questão de sobrevivência, pois no estágio atual de desenvolvimento do capitalismo, tentar enfrentar as imposições do setor empresarial seria ir contra a lógica capitalista. Freire (2009, p.128) ao expor sobre a necessidade de entender a educação como um ato ideológico, declara que o sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadeza intrínseca, o autor demonstra que a situação econômica instaurada atinge diretamente a Educação. E afirma que o que se coloca em discussão neste caso não é a necessidade do indivíduo como ser que se humaniza no mundo, mas a necessidade do mercado, o acúmulo de capital. Também neste sentido de expor a influência do mercado no universo da instituição escolar, Vasconcellos (2003) propõe uma reflexão sobre a real necessidade da existência da escola e, por consequência, a do professor. Este autor, num primeiro momento aponta que a necessidade da existência do professor depende do ponto de vista de cada classe social: “a classe dominante” e a “classe dominada”. É essencial pontuar neste momento que a classe dominante não é detentora apenas do poder econômico, mas também domina e direciona as questões ideológicas e políticas de seu momento histórico, de sua sociedade (MARX e ENGELS, 2008). E por esta razão exerce tanto poder no cenário educacional. Segundo Vasconcellos (2003), cada classe social elenca itens que torna o professor necessário, cada qual pensando em seu próprio bem estar. Para a classe “dominante”, o professor é necessário porque capacita a mão-de-obra barata que lhe será necessária para manter seu status de empregador, detentor de poder econômico. Já para a classe “dominada”, ou seja, a maioria da população, o professor é necessário, por exemplo, para que possam conseguir um emprego já que as empresas contratam seus funcionários analisando seu currículo, e por consequência, seu histórico escolar, e para que por meio deste trabalho possam também ascender socialmente. (...) podemos dizer que para alguns segmentos da sociedade, o professor e a escola são necessários, tendo em vista o aumento das atribuições da escola, a valorização da criança na sociedade, a exigência de pessoas mais criativas no trabalho (sociedade do conhecimento; novo paradigma gerencial-administrativo), bem como a necessidade de preparar as novas gerações para uma sociedade de mudanças rápidas. A situação do professor tem, obviamente, uma relação intrínseca com a percepção social do valor da escola. (VASCONCELLOS, 2003, p. 20) Em contrapartida, o mesmo autor, as mesmas classes sociais que em um momento defendem a importância do professor, em outro momento também alegam que o professor não é mais necessário, ou seja, afirmam a não importância da escola e do professor. Poderíamos dizer, por outro lado, que na verdade hoje o professor está órfão de pai (Estado – que representa os interesses da classe dominante) e de mãe (Sociedade Civil): de pai, porque o Estado já não precisa tanto dele para a formação de mão-de-obra e inculcação ideológica, e de mãe, porque a Sociedade, a Comunidade, não identifica o professor como um aliado, uma vez que “já não se fazem professores como antigamente” (em termos de glamour, competência, compromisso). (VASCONCELLOS, 2003, p.23) E sintetizando esta ideia Rodrigues (1991, p.19) afirma que a escola é uma instituição que é ao mesmo tempo instrumento e vítima do processo educativo. Pois para a classe dominante é o instrumento que realiza suas vontades e defende suas ideias e para a classe dominada é a vítima e somente prepara o sujeito para ser empregado. Logo, a educação escolar não pode ser pensada como algo neutro em relação ao mundo, mas como algo que produz, na sua própria dinâmica, caminhos diferenciados para a ação social concreta em função de interesses e necessidades dos próprios educandos. (RODRIGUES, 1991, p.23)

#### 4. Resultado e Discussão

---

E é em meio este jogo de interesses entre capital e trabalho que se formam nossos futuros educadores. Estes são frutos e produtores desta relação entre capital e sociedade. Frutos, pois se formaram nesta situação e produtores porque serão os responsáveis pela Educação daqueles que também serão lançados nesta sociedade. Segundo o autor, por estar desamparado pelo Estado já que este não mais necessita de seu poder de formação no espaço escolar, o professor se submete as determinações do mercado para manter seu trabalho, sua sobrevivência. O professor, o homem, se torna alienado de si e da sua função social. Passa a apenas vender sua força de trabalho, sua mercadoria, para garantir seu sustento, ou seja, por meio de sua atividade, o trabalhador se apropria apenas do suficiente para recriar sua existência. (MARX e ENGELS, 2008, p.34). É essencial nos atentarmos a situação vivenciada pelo professorado, pois ela é resultado de um longo processo histórico e social de precarização e desvalorização do magistério. Tal como aparece hoje, a “profissão” docente exhibe, mesmo aos olhos do observador comum, sinais evidentes de precarização, visíveis pela simples comparação com datas passadas. À parte a nostalgia, que em geral valoriza mais o que já passou (“a minha escola”, “a minha professora”...), não é difícil constatar a perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e, sobretudo de respeito e satisfação no exercício do magistério hoje. (LÜDKE E BOING, 2004, p.1160) Lüdke e Boing (2004) afirmam, com base em pesquisas realizadas por vários estudiosos, que entre os anos 30 e 60 as professoras (o magistério era predominantemente feminino) se sentiam bem preparadas para exercer sua função e também recebiam da sociedade o reconhecimento pelo exercício do magistério: a valorização. Entretanto, é importante pontuar que neste período, as professoras recebiam salários condizentes com seu prestígio social, sendo assim, seus salários lhes proporcionavam uma vida digna, o sustento de suas famílias. E somava-se a isso, a formação sólida, consolidada na relação teoria e prática que era ofertada às docentes em instituições de excelência no ensino. Situação oposta à atualidade, na qual nossos professores ganham mal, a ponto de enfrentarem dois ou mais turnos de trabalho para poderem ter as condições básicas de existência e são formados nos mais diversos tipos de instituições de ensino, muitas vezes de qualidade questionável. (...) o trabalho do professor, na forma em que se apresenta hoje, é um trabalho não-manual, assalariado, num setor não-produtivo, embora socialmente útil, da atividade humana. Sendo necessário também lembrar o fato de ser assalariado, funcionário

---

do Estado ou de um serviço que, embora mantido por empresas privadas, é considerado um serviço “público”. (PESSANHA, 2001, p. 28) Não é difícil voltarmos à questão de qual é a visão do capital sobre o trabalho do professor. Conforme afirma Pessanha (2001) o magistério não é definido socialmente como uma profissão, mas diz-se semiprofissão. Apesar de serem os profissionais, os professores, que cumprem o que determina nossa Constituição Federal que é ofertar a todos os cidadãos o direito à Educação. Vale destacar, que tal olhar da sociedade sobre os professores incide principalmente sobre aqueles que atuam na rede pública da Educação Básica. (...) o trabalho do professor, na forma em que se apresenta hoje, é um trabalho não-manual, assalariado, num setor não-produtivo, embora socialmente útil, da atividade humana. Sendo necessário também lembrar o fato de ser assalariado, funcionário do Estado ou de um serviço que, embora mantido por empresas privadas, é considerado um serviço “público”. (PESSANHA, 2001, p. 28)

## 5. Considerações Finais

---

Ao observar a influência do mundo econômico na educação, percebemos o quanto os educadores, principalmente das redes públicas de ensino, acabam tendo seu valor sonogados por este processo de produção de mão-de-obra para a indústria no qual a instituição escolar está inserida. Esses discursos permitiram colocar, simbolicamente, a instituição escolar sob a jurisdição de uma lógica de gestão estranha à sua referência cultural e política antiga mas, também, submetê-la à pressão de lógicas sociais e econômicas que até então lhe eram exteriores, favorecendo, assim, a interiorização de novos objetivos e a constituição de novas identidades profissionais. (LAVAL, 2004, p.45) Nossos professores, frutos de um processo histórico e social ainda turbulento, são obrigados a reconstituir suas identidades como forma de sobrevivência, muitas vezes a custo de não cumprir com afinco e tão pouco com prazer, sua tarefa de ensinar. Pois, como disse Freire (2009, p.96) o respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação.

## Referências Bibliográficas

---

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009. LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa*. Londrina: Planta, 2004. LÜDKE, Menga e BOING, Luiz Alberto. *Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes*. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, vol.25, n.89, p. 1159-1180, Set./Dez.2004 1159. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616.pdf>> MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. PESSANHA, Eurize Caldas. *Ascensão e Queda do Professor*. São Paulo: Cortez, 2001. RODRIGUES, Neidson. *Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo: Editora Cortez, 1991. VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o professor? Resgate do Professor Como Sujeito de Transformação*. São Paulo: Libertad, 2003.